

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HOMENAGEM A MANUEL FARIA DE ALMEIDA
13 de Maio de 2026

PARA UM ÁLBUM DE LISBOA / 1966

Argumento: Faria de Almeida / Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco): Elso Roque / Música, montagem e som: não identificados.

Produção: Faria de Almeida / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, sem diálogos, com intertítulos em português legendados em inglês / Duração: 13 minutos / Estreia mundial: data não identificada.

A FEIRA / 1970

Planificação: Faria de Almeida / Diretor de fotografia (35 mm, cor): José Manuel Caixeiro / Música: Shegundo Galarza / Montagem e misturas de som: Faria de Almeida.

Produção: Telecine-Moro / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, narrada em inglês / Duração: 14 minutos / Estreia mundial: data não identificada.

A EMBALAGEM DE VIDRO / 1966

Planificação e montagem: Faria de Almeida / Diretor de fotografia (35 mm, cor): Abel Escoto / Efeitos especiais: Maria Tereza Ferreira / Música: Manuel Jorge Veloso, pelo Quinteto do Hot-Club de Portugal / Som: não identificado.

Produção: Manuel Faria de Almeida / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / Duração: 10 minutos / Estreia mundial: data não identificada.

FAÇA SEGUNDO A ARTE / 1965

Realização e Montagem: Faria de Almeida / Fotografia: Augusto Cabrita (35 mm, cor) / Assistente de Imagem: Acácio de Almeida / Assistente de Montagem: Noémia Delgado / Música: Manuel Jorge Veloso / Locução: Duarte Ferreira / Produção: Faria de Almeida (Portugal, 1965) / Cópia: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor / Duração: 10 minutos / Primeira exibição na Cinemateca: 20 de Junho de 2005 ("Grandes Directores de Fotografia do Cinema Português: Augusto Cabrita") / Estreia mundial: data não identificada.

TRIUNFO DA TÉCNICA / 1970

Planificação e montagem: Faria de Almeida / Diretor de fotografia (35 mm, cor): José Manuel Caixeiro / Música: Manuel Jorge Veloso / Som: não identificado.

Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, Digital / Duração: 13 minutos / Patrocínio: Philips Portuguesa. Difusão: Direcção-Geral da Educação de Adultos/DGEA / Estreia mundial: 1970 / Primeira exibição na Cinemateca.

VIDA E OBRA DE FERREIRA DE CASTRO / 1971

Realização e montagem: Faria de Almeida / Texto do comentário: Álvaro Salema / Diretor de fotografia (35 mm, Eastmancolor.): Mário Moreira / Música: Manuel Jorge Veloso / Som: Alberto Nunes / Com as presenças de: Ferreira de Castro, Jorge Amado / Locução: Artur Ramos.

Produção: Telecine-Moro / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / Duração: 26 minutos / Estreia mundial: Lisboa (cinemas Monumental e Roma), 5 de Julho de 1974.

Filmes de Faria de Almeida

Duração total da sessão: 86 minutos

Em Abril de 1985, quando a Cinemateca Portuguesa organizou o primeiro ciclo-balanço do Cinema Novo português, José Manuel Costa assinalava, na "folha" dedicada a **Catembe**, a "larga experiência como amador técnico e minucioso **teórico** desta mesma exegese técnica" de Manuel Faria de Almeida, definindo o realizador como "um exemplo peculiar e, simultaneamente, típico do **cinema novo** português". Isto é confirmado pelo percurso do

cineasta e pelas suas obras. Basta observar as datas dos primeiros filmes desta sessão, que correspondem cronologicamente ao ponto alto deste cinema novo, para perceber em Faria de Almeida uma enorme vontade de fazer cinema, a capacidade de o fazer e a consciência do que eram as formas modernas do cinema. Este afã de fazer e fazer bem, de maneira não convencional é palpável em várias curtas-metragens portuguesas deste período. Mesmo em filmes de encomenda, como **O Vôo da Amizade** e **Cruzeiro do Sul**, de Fernando Lopes ou **Retorno à Terra do Sol**, de Fonseca e Costa, sente-se ambição formal e uma poderosa vontade de fazer cinema, por parte dos realizadores e dos técnicos. O contexto português de então, que reunia o pior de dois mundos – falta de dinheiro e meticulosa repressão política – não apenas tolheu o Cinema Novo propriamente dito, como tolheu numerosos talentos individuais, num vastíssimo desperdício de inteligências, capacidades e boas vontades que é característico de qualquer ditadura. Quando os cidadãos portugueses foram coletivamente libertados em 1974, para alguns deles as melhores oportunidades profissionais já tinham passado. Foi aparentemente o que se passou com Faria de Almeida, que nos anos 60 fora vítima de um caso particularmente feroz de censura, que o pôs na lista negra do regime e não deve ter facilitado em nada a sua vida, além do trauma psicológico que certamente causou. Realizado em 1964, três anos depois do início da guerra colonial, **Catembe** (originalmente subtítulado **7 Dias em Lourenço Marques**, cidade natal do realizador), embora em nada fosse um filme militante, foi absolutamente massacrado pela censura: passou de 87 para 48 minutos e, mesmo nesta versão reduzida, acabou por ser proibido, “por conveniência” (ou inconveniência?). Foram feitos 103 cortes e os trechos correspondentes no negativo foram queimados, tornando impossível uma reconstituição do filme. Mas, no meio de cinema em Portugal no período 1960-74, mesmo quem não era vítima de tanta brutalidade só tinha diante de si horizontes estreitos e poucas saídas profissionais, a não ser na televisão ou na publicidade.

(...)

Para um Álbum de Lisboa é típico da época e da cidade onde foi feito (é a mesma Lisboa de **Belarmino** e **Os Verdes Anos**), mas também reata com um subgénero que floresceu no fim do cinema mudo, as *sinfonias das cidades* (aqui, uma sinfonieta). Tanto quanto as formas da cidade, este é um retrato dos seus habitantes, com imagens de meios socialmente contrastantes, como a Feira Popular e as praias do Estoril. Faria de Almeida utiliza inclusive, com humor, a *décalage* entre a imagem e o som, em certos comentários que se tornam cómicos. Longe do bairrismo e do provincianismo salazaristas, sem pompa alguma, o filme chega ao fim na Feira Popular, numa saudação indireta às classes populares.

A Embalagem de Vidro é outro belo exemplo da vontade e da capacidade de fazer cinema de Faria de Almeida. Estruturado, como os dois filmes anteriores, sem comentário em *off*, o filme segue o “programa” obrigatório deste tipo de objetos cinematográficos, que consiste em mostrar todas as etapas de fabricação de uma coisa, neste caso, garrafas. Mas é evidente que o interessa aqui a Faria de Almeida é o aspecto puramente visual da massa do vidro, incandescente e líquida, em permanente transformação. Num eco à “poesia das máquinas” que marcou parte do movimento modernista em arte e no cinema, o realizador e o diretor de fotografia (Abel Escoto) fixam-se no aspecto puramente plástico, pode-se dizer estético, do fabrico de garrafas, dando à cor uma função realmente estrutural.

Embora marcado por menor ambição formal, **A Feira** (distribuído, tal como **Vida e Obra de Ferreira de Castro**, em 35 mm, 16 e Super-8, o que indica que também se destinavam às escolas e às famílias), que vemos numa cópia narrada em [inglês], chama a atenção pelo contraste que apresenta com os filmes equivalentes feitos pelos órgãos de propaganda do regime. Mas o filme não tem apenas virtudes negativas, a falta de defeitos, como a ênfase e o paternalismo, tem notável espírito de síntese e reflete uma realidade humana ainda hoje existente.

Mais “oficial” e mais pedagógico, **Vida e Obra de Ferreira de Castro** é, apesar disto, um filme pelo qual perpassa o espírito de resistência, pelo simples facto de homenagear um homem

com um percurso como o do escritor (que ainda teve a felicidade de viver o 25 de Abril, dois meses antes de morrer). Em resumo, nesta sessão, além de ver os filmes apresentados, o espectador pode avaliar tudo o que não foi feito no cinema português, apesar da existência de homens com talento, boa formação e tenacidade: não os queriam. E pode avaliar tudo o que poderia ter sido feito.

Antonio Rodrigues

* Folha escrita para sessão que contou ainda com a exibição do filme **Streets of Early Sorrow** (1963)

Faça Segunda a Arte, A Embalagem de Vidro e Triunfo da Técnica podem ser vistos como um tríptico. São três filmes de natureza documental pertencentes a um género que poderemos descrever como um “cinema industrial” e todos têm música de Manuel Jorge Veloso, o que lhes confere uma modernidade invulgar. São território fértil de experimentação que, a par da originalidade da realização, contam com excelentes directores de fotografia, que se destacariam entre a geração do Cinema Novo, a que Faria de Almeida pertence. Se **A Embalagem de Vidro** nos apresenta uma vertente mais artesanal da técnica, os dois outros centram-se no triunfo da tecnologia mais moderna e nos seus bastidores, como aliás se expressa no título de um deles, que é exibido pela primeira vez na Cinemateca. Sendo os três obras de encomenda e documentários produzidos como tantos outros para anteceder as longas-metragens de ficção, que estreavam nas salas de cinema portuguesas, revela-se aqui como neste período da década de 1960, num Portugal dominado por uma escassez de meios e por incipiente mercado audiovisual, este tipo de propostas se revelava como uma hipótese de cinema, como o era também a publicidade. Aconteceu com Faria de Almeida e aconteceu com muitos outros cineastas como Fernando Lopes, Fernando Matos Silva, etc, mas também com muitos dos técnicos e outros artistas que os acompanharam.

Antonio Rodrigues refere-se às qualidades inegáveis de **A Embalagem de Vidro**, que, tendo sido fotografado por Abel Escoto, se centra nas propriedades plásticas do fabrico do vidro, que encontravam o seu contraponto na plasticidade do cinema. É impressionante o modo como Faria de Almeida filma o vidro em transformação, e como se concentra nas qualidades abstractas de uma matéria que por vezes nos aproxima de uma ideia de pura animação de luz e de cor. Este era um filme que muito agradava a Abel Escoto, como uma vez nos confessou em conversa que tivemos há muitos anos, e que muito agradava a Manuel Faria de Almeida. A ausência de voz *off* e o modo como trabalha a montagem da imagem e de som (o som mais uma vez tem uma componente essencial na obra de Faria de Almeida) revelam a ambição dos seus propósitos.

Centrando-se na tecnologia de ponta usada na indústria farmacêutica portuguesa, em **Faça Segundo a Arte** Faria de Almeida revela-nos um universo atravessado por um imaginário futurista, nas margens da ficção científica. Um universo escondido, que surpreende ainda hoje e revela a importância do desvelamento deste universo industrial como fonte de conhecimento e entendimento do mundo, que há muitos anos era habitualmente desvelado com visitas escolares. As qualidades do cinema de Faria de Almeida são mais uma vez evidentes neste documento de natureza experimental, que dispensa novamente o tão omnipresente comentário de tantos filmes do género. A impressionante fotografia é assinada por Augusto Cabrita, mais um dos mais conceituados fotógrafos e directores de fotografia portugueses, que no mesmo ano assinaria a imagem de **Belarmino**, de Fernando Lopes e, como referíamos, a música jazz é de Manuel Jorge Veloso, que assim contribui para a musicalidade própria do filme.

Em **Triunfo da Técnica** Faria de Almeida acompanha as actividades da Philips Portuguesa, já então uma grande empresa produtora e distribuidora de material eléctrico e electrónico, centrando-se nas fábricas, oficinas e escritórios, mas também nos espaços da sua utilização, o que inclui um estúdio de televisão e rádio e uma cabine de projecção. O fabrico das lâmpadas dos aparelhos de rádio, dos semáforos revelam como a Philips produzia tecnologia de ponta, reforçando este filme uma crença na técnica (pensamos na voz de Ana Hatherly a perguntar alguns anos depois aos operários da Lisnave “O que é a Técnica?”). Faria de Almeida retrata-o mais uma vez de um modo invulgar, onde se revela todo o seu desejo de cinema.

Realizados depois da experiência traumática de **Catembe**, estes são os filmes possíveis de um cineasta em que encontramos ecos das suas experiências anteriores e uma mesma vontade de experimentação com as imagens e os sons em que perpassa uma inegável visão poética de um mundo que dispensa a voz para se centrar nas qualidades intrínsecas das imagens e sons, mas também na sua relação, em filmes em que a música desempenha um papel fundamental.

Joana Ascensão